

A Educação como Instrumento para a Tolerância Religiosa

Iradj Roberto Eghrari

"O fanatismo religioso e o ódio são um fogo que devora o mundo, cuja violência ninguém pode abafar. Somente a Mão do Divino poder é capaz de libertar a humanidade desta desoladora aflição."

Bahá'u'lláh, (1817-1892)

Há cem anos passados, Bahá'u'lláh proferiu estas palavras que, talvez, poderiam ser vistas como adequadas e necessárias a realidade do século passado. No entanto, com o ressurgir do fundamentalismo religioso, o século XX tem sido testemunha de que há uma urgente necessidade de impedir que este "fogo devorador", que "ninguém pode abafar, caso venha a ser inflamado, não consuma nossas sociedades em seu fogo abrasador. O fanatismo religioso alimenta o ódio e a violência, com inúmeros exemplos de lutas civis, levando ao terror e ao sofrimento humano. É a raiz de guerras e conflitos, de males que solapam a paz. Encontra-se fundamentado diretamente na intolerância, no preconceito e na animosidade entre as religiões.

Um exemplo que toca diretamente os bahá'ís no Brasil é o sofrimento indizível por qual têm passado os seus irmãos de Fé no Irã: há quase 20 anos, uma perseguição implacável é patrocinada pelas próprias autoridades governamentais, que chegaram ao absurdo de firmar um documento determinando o extermínio da comunidade bahá'í no Irã, e também dando sinal verde para o ataque a comunidades bahá'ís em outros países. O Irã é um país que hoje tem cerca de 350.000 bahá'ís destituídos de todo e qualquer direito fundamental da pessoa humana, impedidos de livremente exercerem a sua religião, não contemplados, como as demais religiões com os mecanismos de proteção constitucional, tendo suas vidas ceifadas através de assassinatos oficialmente patrocinados. O Irã é um país onde os jovens bahá'ís são impedidos de acesso à educação formal superior, onde os funcionários públicos bahá'ís foram todos demitidos, onde aposentados tiveram suas pensões cortadas pelo simples fato de serem adeptos da religião bahá'í. E este é um exemplo que se encontra no seio da sociedade humana às vésperas do século XXI. São inúmeros os documentos, testemunhos que claramente evidenciam que toda esta perseguição se baseia em apenas num único elemento: a intolerância religiosa. O algoz sempre oferece ao bahá'í que está por ser executado a oportunidade de ter de volta os seus bens, a sua vida, voltando a viver em meio aos seus entes queridos se apenas publicamente afirmar que não é mais bahá'í e que adota o Islã como sua religião.

Este exemplo de fanatismo e intolerância é totalmente contrário aos ensinamentos dos Profetas. É a própria perversão da religião. Os ensinamentos bahá'ís afirmam que "se uma religião se tornar a causa de ódio e desarmonia, seria melhor que ela não existisse. Não ter tal religião seria preferível a segui-la."

Se é na religião que nasce a intolerância, é nela também que nascerá a solução para este terrível problema, pois é a própria afirmação de Bahá'u'lláh de que unicamente "a Mão do divino poder é capaz de libertar a humanidade desta desoladora aflição". Como poderíamos alcançar isto?

Entendemos que esta Mão Divina opera através dos Escritos Sagrados de todas as religiões mundiais, são elas que têm a missão de "religar" o homem ao seu Criador. São elas que, nas palavras de Bahá'u'lláh, tem a sua razão de ser para "educar todos os homens para que possam, na hora de sua morte, ascender ao trono do Altíssimo no grau máximo de pureza e santidade e com desprendimento absoluto". As religiões nasceram para promover o entendimento entre os homens, e são elas que devem agora esforçar-se, neste momento crucial da história humana, em estabelecer um diálogo amplo e sólido.

Historicamente, podemos entender o porquê das diferenças e desavenças entre as religiões. Na realidade estas diferenças se dão nos aspectos exteriores de cada uma delas, principalmente nas suas práticas e observações, e não em sua essência. Nosso entendimento como bahá'ís é de que a essência de todas as religiões é uma só apesar de que os seus ensinamentos sociais e alguns dos mandamentos a serem observados possam variar de época em época, de lugar a lugar, de acordo com as necessidades e condições reinantes. Como cada uma das religiões mundiais surgiu num determinado momento da história humana e um lugar geograficamente diferente, somente mais recentemente é que a humanidade pode ter uma visão mais abrangente do fenômeno religioso, que antes se restringia à realidade de cada povo e nação. Agora, a humanidade está apta a reconhecer a verdade destas palavras de Bahá'u'lláh:

"Sois frutos de uma só árvore e as folhas de um mesmo ramo. Consorciai-vos com o máximo amor e harmonia, com amizade e solidariedade. ... tão poderosa é a luz da unidade que pode iluminar a terra inteira...".

É inegável que o resultado da unidade genuína entre as diferentes religiões, no entendimento de que a humanidade é o reflexo verdadeiro das palavras "a terra é

um só país e os seres humanos os seus cidadãos", terá como único resultado "luz sobre luz".

É fato que as religiões podem promover o entendimento. Mais recentemente, em 19 de fevereiro de 1998, representantes e líderes de 9 religiões mundiais reuniram-se com representantes do Banco Mundial para discutir como os grupos religiosos e o Banco poderiam melhor trabalhar juntos em questões relacionadas a pobreza global e subdesenvolvimento econômico. Uma vez que princípios espirituais são o fundamento da natureza e da existência humana, são estes que podem prover um poder enorme para mudança e para o desenvolvimento. Um destes princípios, que é o da unidade da humanidade, tem um poder especial para criar um novo paradigma para o desenvolvimento da sociedade humana. E é a religião que estabelece este princípio inovador.

A iniciativa da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal é excelente: traz à lembrança um documento do qual o Brasil é signatário, que é a resolução das Nações Unidas datada de 1981 intitulada "Declaração da eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação baseada na religião ou crença". Esta resolução reconhece, portanto, que uma ação governamental é fundamental para garantir este direito essencial da pessoa humana, que é o de expressar livremente a sua crença religiosa sem qualquer espécie de constrangimento. O Programa Nacional de Direitos Humanos lançado pelo Governo Federal, do qual pouco se tem falado ultimamente, traz como maior arma para garantia de todos os direitos fundamentais da pessoa humana a educação. Sem dúvida, a educação religiosa não-sectária também pode dar uma colaboração muito importante neste processo de entendimento entre as religiões.

Porém, as organizações religiosas devem tomar a dianteira dentro de seu próprio quadro de fiéis para modificar a presente situação, seja a nível mundial, ou até mesmo no Brasil, conforme denúncias, que tantas vezes vemos na mídia, de manifestações de intolerância religiosa, e assim dar um fim a este triste quadro. Primeiramente, são os adeptos de cada religião que devem espelhar em suas vidas os ideais de amor, unidade e tolerância que suas fés preconizam. Sem este exemplo genuíno de fidelidade aos ensinamentos universais de cada religião, jamais poderemos chegar a um entendimento. A Comunidade Bahá'í tem o prazer de compartilhar, neste momento, um documento que apresenta a visão de todas as religiões quanto a importância de um convívio harmônico entre os seguidores do Deus Único, o Pai de todos, o Criador, independentemente da forma como Ele venha a ser chamado.

A segunda missão que cabe às religiões, é educar as crianças para a tolerância, para o entendimento e harmonia religiosa. São nas nossas aulas dominicais, nas classes de sábado, ou convívios da sexta-feira, dependendo de cada prática religiosa, que poderemos, desde a tenra infância, inculcar no coração de cada criança o respeito pelo diferente. É uma tendência natural humana de ver o que é seu como certo e aquilo que os demais têm ou professam como errado. É através da educação, da educação que promova o princípio de que todas as religiões provêm de uma mesma Fonte, é que poderemos gerar no coração de cada um respeito às demais expressões religiosas. Será este um ambiente de harmonia, que transcende a própria tolerância, apesar das práticas diferentes que cada religião venha a ter.

Recentemente em um artigo de jornal, o Sr. Jorge Werthein, representante da UNESCO no Brasil, afirmava que "a educação para os direitos humanos e a tolerância, adaptada para crianças e adolescentes, do nível primário ao universitário, permite a formação de gerações futuras que respeitem tais direitos e sejam tolerantes quanto às diversidades e capazes de resolver conflitos potenciais de maneira pacífica. A meta deve ser sempre harmonia entre indivíduos, grupos, povos, nações. Esta é a base da democracia e da paz." Que outro grupo, que não as próprias religiões, para levantar esta bandeira e colocarem-na em prática?

As ações da Comissão de Direitos Humanos são bem-vindas como elemento preventivo para garantir o direito de cada um de seguir a sua própria consciência em questões de opção religiosa e de crença no Divino. Um alerta fica aqui para todos nós: os violadores deste direito são quase sempre pessoas que se consideram fiéis seguidores de uma determinada religião. É nossa esperança que no Brasil não vejamos as barbáries que se cometem em nome da religião, como no caso do Irã contra os bahá'ís ou em tantos outros países, em situações que nos envergonham como seres humanos.

Por fim, gostaríamos de apresentar uma proposição como elemento simbólico da unidade das religiões e da busca por um trabalho profundo, num espírito de total harmonia e reconhecimento de que todos nós adoramos o mesmo Deus e o mesmo Pai Bondoso: apesar de já termos um dia dedicado no mês de janeiro à comemoração do Dia Mundial da Religião, poderíamos também observar um Dia Nacional da Harmonia Religiosa no Brasil. Poderia ser um dia a ser definido dentre datas que marquem a vida de pessoas que lutaram pela unidade da religião, pelo esforço, integração e trabalho conjunto entre todos os religiosos e as religiões. Que esta proposição possa ser considerada por todos os representantes de religiões aqui presentes e promovida por esta Comissão de Direitos Humanos.

(Apresentação de Iradj Roberto Eghrari, Secretário Geral da
Comunidade Bahá'í no Brasil por ocasião da Reunião Pública "A
Tolerância Religiosa como Meio de Promoção de Direitos Humanos"
em 3 de março de 1998 promovida pela Comissão de Direitos Humanos
da Câmara dos Deputados)